

THATIANA HERMÍNIO DE MORAIS

Psicopedagogia

**PERCEPÇÃO DE PEDAGOGOS EM FORMAÇÃO ACERCA DO  
PROCESSO DE INCLUSÃO DO INFANTE AUTISTA NA ESCOLA  
REGULAR**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Adriana de Andrade Gaião e Barbosa**

**Universidade Federal da Paraíba**

João Pessoa  
2014

# **PERCEPÇÃO DE PEDAGOGOS EM FORMAÇÃO ACERCA DO PROCESSO DE INCLUSÃO DO INFANTE AUTISTA NA ESCOLA REGULAR**

## **RESUMO**

O autismo é um transtorno definido por alterações presentes desde idades muito precoces, tipicamente antes dos três anos de idade, e que se caracteriza sempre por desvios qualitativos na comunicação, na interação social e no uso da imaginação. Esta patologia incide igualmente em famílias de diferentes raças, credos ou classes sociais. E assim, o objetivo desse estudo foi avaliar percepção de pedagogos em formação acerca do processo de inclusão do infante autista na escola regular. Na presente pesquisa foi realizada uma coleta de dados, utilizando-se de um questionário contendo 12 questões que buscou realizar um levantamento do perfil sóciodemográfico da amostra e o conhecimento deste a respeito do autismo como também de sua formação pedagógica. O uso deste instrumento viabilizou o conhecimento acerca da percepção dos futuros pedagogos acerca da inclusão do infante autista como também sua formação acadêmica. A partir dessas respostas, conseguimos perceber alguns prováveis fatores que interferem, substancialmente, no processo de inclusão. Vale salientar que, participaram desta pesquisa 20 graduandos (pessoas), do último período do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba. Espera-se que os resultados desta pesquisa possam auxiliar professores e outros profissionais da educação, a entenderem e a estarem envolvidos no processo de aprendizagem dos autistas.

**Palavras chave:** Autismo. Inclusão. Pedagogos

## **INTRODUÇÃO**

O autismo infantil é um dos termos mais utilizados e controversos na área da saúde e educação, sendo este introduzido pela primeira vez por Bleuler nos princípios do século XX, para designar a perda do contato com a realidade, o que acarretava uma grande dificuldade ou impossibilidade de comunicação (GADIA; TUCHMAN; ROTTA, 2007).

É utilizado ainda, para descrever um grupo de comportamentos inadequados, como por exemplo: dificuldades na aprendizagem, deficiência nas relações sociais, déficit comunicativo e comportamentos estereotipados, considerado um transtorno incapacitante e que afeta indivíduos, independentemente, de etnia, status e credo.

Em muitos casos são pessoas aparentemente normais, onde desenvolve-se em algumas áreas e tem uma dificuldade enorme em outras. Em alguns casos consegue ter uma vida normal. Os primeiros a perceber tais características são normalmente os pais, logo ao nascimento do bebê, mas em alguns casos as características só são percebidas tardiamente, o que dificulta o tratamento.

Em relação à aprendizagem, a criança autista tem grande dificuldade, devido as suas características já citadas, às quais não permite interação e socialização o que impede de imitar ou

repetir algo que se é mandado pelo educador, o fato da criança também não ter capacidade de olhar no olho, ou ter contato físico às vezes também a um fracasso na aprendizagem.

O presente trabalho centrou-se nesta temática, uma vez que apesar dos inúmeros estudos nesta área, pouco ainda se sabe sobre as dificuldades sentidas no terreno da aprendizagem, buscando no término desse trabalho, subsidiar aos profissionais que sejam ou não da área de educação, conhecer e criar estratégias que facilitem o processo sócio interativo e acadêmico do infante autista.

Este conhecimento a respeito da educação autista em curso de formação dos professores ressalta a importância do conhecimento e aplicação de estratégias por parte destes profissionais envolvidos com a educação e principalmente envolvidos com a educação de crianças autistas.

Esta pesquisa tem como objetivo geral, analisar a percepção que a turma do último período do curso de pedagogia da Universidade Federal da Paraíba tem em relação ao autismo. Também pretende-se especificamente: a) identificar como o tema autismo é abordado na formação de professores. b) realizar um levantamento acerca do conhecimento sobre as características do autismo. c) Verificar se os futuros pedagogos se sentem preparados para a atuação com crianças autistas.

## **ASPECTOS HISTÓRICOS**

No início do século XVII, o termo autismo ainda não era utilizado, mas sim se tinha a compreensão que este transtorno era uma maldição que a família carregava, onde ocorria a eliminação dessas crianças ditas como mal formadas ou deficientes. O Autismo também já foi descrito com a síndrome da mãe geladeira, onde atribuíam a falta de carinho de mãe à falta de socialização da criança. Várias outras teorias, hoje consideradas absurdas deram início a estudos que hoje nos auxiliam no diagnóstico do autismo.

Esta síndrome foi descrita pela primeira vez em 1943 pelo Dr. Leo Kanner em seu artigo: “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo”. Um ano depois, Em 1944, Hans Asperger, escreve outro artigo com o título “Psicopatologia Autístico da Infância”, descrevendo crianças bastante semelhantes as descritas por Kanner.

Conforme Chiote (2013), Leo Kanner em 1943 iniciou os seus estudos a respeito do autismo, voltado para 11 casos de crianças que assumiam características diferentes daquelas estabelecidas pela literatura. O aspecto mais marcante ao decorrer dos estudos de Kanner, foi o comportamento dessas crianças ser evidenciado através de características inatas, ou seja, comportamento esse, voltado para o isolamento ou afastamento social. Ainda de acordo com a autora, ainda em 1943, após grande tempo investido na pesquisa Kanner, publicou um quadro com características e sintomas da síndrome. Apenas um ano depois, 1944, Hans Asperger também se interessou pela temática e publicou uma série de artigos a respeito da síndrome.

Durante todo o processo de conhecimento do transtorno, o autismo já foi descrito como “distúrbios autísticos do contato afetivo” Kanner, (1942), “psicose” Kanner (, 1956), passando pelas primeiras alterações que o relacionavam a um déficit cognitivo Ritvo (1976), em controvérsia a categoria que o enquadra como “distúrbios abrangentes de desenvolvimento” Apa (1995) Who (1993). Tal instabilidade em sua epistemologia compromete não só a busca da etiologia como também a intervenção precoce.

Apenas em 1979, com os pesquisadores Wing e Cold, foi possível determinar com mais precisão os sintomas que hoje temos como base para um diagnóstico que é chamada de tríade que são as inabilidades sociais, dificuldades na comunicação oral e déficits cognitivos

## **CARACTERÍSTICA DO AUTISMO**

O autismo é classificado como um transtorno invasivo do desenvolvimento que engloba significativas dificuldades ao longo da vida nas habilidades sociais e comunicativas – além daquelas atribuídas ao atraso global do desenvolvimento – e também comportamentos e interesses limitados e repetitivos. Ambos os manuais diagnósticos mais utilizados DSM-IV (Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais, 1996) como a CID-10 (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde da Organização Mundial da Saúde) requerem a identificação de anormalidades naquelas áreas do desenvolvimento, antes da idade de 36 meses, por ser nesta fase onde, principalmente a família, começa a perceber melhor os comportamentos sociais e brincadeiras das crianças (BOSA, 2006).

Embora muito provavelmente o autismo seja conhecido há bastante tempo, comumente encontram-se diferentes concepções acerca do enfoque teórico, epidemiologia, etiologia, o que dificulta bastante o diagnóstico diferencial e posterior intervenção, sendo esta última de suma importância para trabalhar as dificuldades provenientes deste transtorno, uma vez que a intervenção precoce é crucial para um melhor desempenho da aprendizagem do autista.

Uma das principais características segundo pesquisadores do autismo é o fato das crianças que possuem o autismo se comportam como estando aprisionadas ao seu mundo, ou seja, vivem apenas aquilo que é necessário para eles e não gostam de ter contato com o próximo. Dessa forma, a comunicação fica de difícil acesso, pois os mesmos, não gostam, de manter o contato visual com quem está ao seu redor.

De acordo com Rodrigues (2010), através das literaturas podemos encontrar diversos conceitos para o autismo, às vezes visto como um transtorno orgânico, outras vezes como resultantes de uma patologia de sistema nervoso central e assim compreendendo alterações neurobiológicas, neurofisiológicas e neuroanatômicas.

Os estudiosos também evidenciam perturbações quanto ao comportamento social. Alguns deles afirmam que alguns autistas até chegam a manter um contato social, porém demonstram uma forma de relacionamento bastante subjetiva, talvez até atípica aos padrões normais de relacionamentos (RODRIGUES, 2010, p.19).

Partindo desse pressuposto é importante verificar se há inclusão e formas de ensino por parte das instituições para inserir essas crianças pequenas, pois o que se observa é que muitas escolas não possuem professores qualificados para lidar com estes alunos o que impede que ocorra uma real inclusão sócioeducativa. Devido a esta falta de conhecimento a educação dessas crianças fica como algo limitado, sem o apoio e o incentivo daqueles que realmente deveria ter. Verifica-se assim, que devem ser adaptadas metodologias de ensino que proporcionem um melhor ajustamento destas crianças no âmbito escolar.

Infelizmente encontramos muitas barreiras para conseguirmos com que a pessoa com deficiência possa realizar-se com dignidade e inteireza em sua identidade como pessoa trabalhadora. (ALMEIDA, 2007 *apud* RODRIGUES, 2010, p 88).

A partir dessa visão podemos perceber que para se ter um bom desenvolvimento cognitivo, social e emocional dessas crianças especiais é o decisivo acompanhamento familiar. Segundo Beauclair (2011), todas as pessoas têm capacidade de adquirir um bom desenvolvimento cognitivo, ou seja, todos têm a capacidade de aprender, sendo que com ritmos variados. Os estudos demonstram que apesar dos autistas possuírem dificuldade em se comunicar, em estabelecer contato com o outro e viver apenas o seu mundo eles têm pleno rigor para adquirir novos conhecimentos, no entanto se faz necessário que haja um incentivo maior por parte de profissionais qualificados.

## **EDUCAÇÃO INCLUSIVA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

### **EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

Os primeiros indícios de inclusão no Brasil é datado no século XIX, com a construção do primeiro instituto para os cegos do Brasil, obra realizada pelo imperador Dom Pedro II que, com a revolução e o advento da república, o nome da instituição mudou para Casa Benjamin Constan (que funciona até hoje).

Partindo do pressuposto que a inclusão é o processo de proporcionar a pessoas com deficiência ou qualquer outro tipo de limitação a oportunidade de viver em sociedade de forma digna e honesta, tal processo se dá de forma gradativa e contínua.

Abordando o processo de inclusão nas escolas, a Lei de Diretrizes Básicas (LDB) a lei de número 4.024/61, garante o atendimento de crianças com deficiência nas escolas regulares. Tal lei também determina que o Estado deverá garantir que as escolas sejam adaptadas a essas crianças. Mas será que isso realmente acontece?

É inegável que o Governo do Brasil, através do Ministério da Educação e das Secretarias Estaduais de Educação, vem fazendo mudanças de currículos e de certa forma - forçando - um grande número de professores a repensar suas funções de educadores especiais para que aceitem em suas salas de aula alunos com deficiências além de crianças de rua, de favelas, enfim, de todos. Inclusão significa educação para todos, todos mesmo. (XAVIER, 2007, p.67).

Não podemos menosprezar o fato de que o Brasil está modificando suas diretrizes, leis e pensamento em relação a inclusão. Podemos encontrar inúmeros exemplos em reportagens, onde várias pessoas com deficiência alcançaram o sucesso profissional em meio a tantas dificuldades. O que é inadmissível é pensarmos que devemos criar leis, e o mais degradante é ameaçar multar instituições que não proporcionar algo que é de direito de qualquer cidadão nascido no Brasil.

Quando falamos em inclusão, não podemos deixar de levar em consideração o fato de que incluir, não é apenas matricular a criança na escola regular e pronto. O processo de inclusão se dá também na capacitação de profissionais para trabalhar com essa nova demanda. As escolas devem ser adaptadas a essa nova realidade, onde as pessoas com deficiência não estão apenas em casa, vegetando, e sim, estão buscando se integrar a sociedade que apesar de preconceituosa, é de seu direito estar inserida nela. Nos aspectos físicos a escola deverá colocar rampas em todos os ambientes, criar um banheiro adaptado, montar um plano pedagógico onde capacite os profissionais para trabalhar com essas crianças.

A preocupação maior, portanto, deveria ser em oferecer à criança com alguma deficiência, além de um espaço físico em sala de aula, o respeito e a compreensão aos seus talentos e habilidades. Oferecer um sistema de ensino de qualidade a todos os alunos, respeitando suas diferenças, deveria ser o ponto de partida para a melhoria do acesso dos alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular (BARBA, 2009, p. 55).

Sabemos que a inclusão é um processo caminhado a passos lentos, mas está acontecendo, não podemos fechar nossos olhos quanto a essa nova realidade, e cabe a nós, profissionais da educação trabalharmos juntos, para que esses direitos sejam cumpridos e assegurados, sem distinção. A escola que não está pronta, que se apronte, a escola que não tem profissionais capacitados, capacite-os. Não podemos nos isentar da responsabilidade que está nas nossas mãos.

Incluir a criança com autismo vai além de colocá-la em uma escola regular, em uma sala regular; é preciso proporcionar a essa criança aprendizagens significativas, investindo em suas potencialidades, constituindo assim, como um ser que aprende, pensa, sente, participa de um grupo social e se desenvolve com ele e a partir dele, com toda sua singularidade. (CHIOTE, 2013, p.21).

Como afirma a autora acima citada, o autismo não deverá ser tratado apenas como mais um fardo que a escola e o professor deverá carregar. A escola deve ser um local que qualquer criança se sinta segura e bem amparada e não seria diferente com crianças com necessidades especiais.

Corroborando com a autora acima citada, Dantas (2012) afirma que escola inclusiva deve ser um lugar onde se pratica a inclusão de todos independente de sua origem socioeconômica ou cultural. A criança deve ser vista em todo o seu contexto histórico cultural. Todos os fatores que a fazem cidadã deve ser considerado e analisado pelos profissionais da educação. Um ambiente que busque qualidade de ensino é de fundamental importância para criança seja ela deficiente ou não.

Mas considerando dados do Censo escolar de 2008, onde diz que houve um crescimento significativo nos índices de matriculados na educação especial. Onde passou de 46,8% em 2007 para 54% em 2008, esses dados realmente querem dizer que houve a inclusão escolar? Infelizmente, não necessariamente. O fato da criança está matriculada não quer dizer, de forma alguma, que a criança está em um ambiente inclusivo. Podemos analisar se isso realmente ocorreu, ou não, se fizermos uma análise minuciosa dessas crianças com necessidades especiais que estão nas escolas regulares.

Olhar para a criança e ver possibilidades ao invés limitações, é papel essencial no processo de inclusão. Respeitando sempre suas limitações, como qualquer outra criança, mas buscando sempre ressaltar as habilidades que a criança possa vir a desenvolver. Só assim, ocorrerá de maneira satisfatória a verdadeira, inclusão escolar.

Segundo Coll e cols (2010), é de suma importância analisar os aspectos institucionais mais proeminentes para a resposta educativa. Identificar como são acatadas as diferenças individuais na escola e como são identificadas as necessidades educativas; quais as determinações em relação a metodologia e a avaliação dos alunos; os critérios que mais são utilizados para a repartição dos espaços e dos tempo, como também para a coordenação das atividades de ensino; as relações entre os professores frente aos coordenadores.

De acordo com o autor anteriormente citado, os professores devem conhecer bem as possibilidades de aprendizagem dos discentes, os fatores que contribui e que não contribui para um bom aprendizado e o potencial individual de cada um. Através dessa identificação poderão ser ajustadas as ajudas pedagógicas no processo de construção pessoal de cada indivíduo.

## FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Há pouco tempo atrás, por volta da década de 40, a profissão de ser professor, era uma das mais valorizadas juntamente com o médico e o advogado. Entendia-se que a arte de ensinar o outro a ler, escrever, pensar sobre o mundo, era uma das mais complexas e por isso merecida de reconhecimento. Na época a profissão era predominantemente feita por mulheres que em sua maioria já tinham suas convicções de qual profissão seguir desde muito cedo. Ainda no mesmo período a estrutura das escolas não eram as melhores, em especial no interior, em contrapartida, as salas de aula tinham menos crianças e a valorização financeira era adequada a sua carga horária de trabalho.

Já no século XIX, podemos constatar que a história mudou, mas infelizmente não para melhor. O professor tem uma das profissões mais desvalorizadas do mercado de trabalho. Salários abaixo do esperado, carga horária extensa, salas de aula cada dia super lotadas, uma estrutura física que muitas vezes mais prejudica do que auxilia. Outra mudança perceptível é que nas universidades podemos perceber um aumento do gênero masculino nas salas de aula.

Apesar de todos esses obstáculos e dificuldades que a profissão proporciona, ainda é possível perceber, salas de aula em universidades sempre cheias de alunos afim de se formar na profissão. Em processos seletivos que é feita para entrar em uma instituição pública, o curso de Pedagogia sempre é um dos mais concorridos.

Como afirma Fernandes (1996) a instituição de ensino superior tem como um dos principais objetivos, produzir conhecimentos científicos que possa beneficiar a sociedade de forma significativa e ainda ter a capacidade de formar um quadro de profissionais que possam atender a demanda da sociedade em que a mesma está inserida.

Levando em consideração o que a autora acima citada diz, a Universidade tem o papel de formar profissionais qualificados para o mercado de trabalho e para atender a demanda que a cada instante muda ou se intensifica. É de suma importância salientar que não estou afirmando com isso que o professor deve sair da instituição com todos os saberes, acreditando que não precisa de aperfeiçoar e que a instituição de ensino deve mostrar absolutamente tudo que um professor vai vivenciar em sua pratica pedagógica.

Porém, é imprescindível a universidade está atento as mudanças da sociedade que afeta não apenas nas escolas como também nas instituições de ensino superior. E uma dessas mudanças é a inclusão de crianças com algum tipo de deficiência nas escolas regulares. O futuro pedagogo deve estar a par desse processo e ser alimentado de todas as informações possíveis para conseguir realizar um trabalho de qualidade.

O trabalho do professor competente é ajustar todos os alunos a construir aprendizagens significativas. A forma como se propõem as situações de ensino e de aprendizagem é determinante para conseguir ou não uma aprendizagem significativa (COLL e cols, ,2004 p. 294).

O papel do professor segundo o autor, é de proporcionar ao aluno possibilidades para que este possa se desenvolver no âmbito escolar. O auxiliando nesse processo de transição e de novos conhecimentos. Para isso, se faz necessário um trabalho com o próprio professor para que o mesmo consiga realizar sua função de forma qualitativa. Uma das formas de auxilio são as formações continuadas que o professor deve fazer após sua formação na instituição. Falsarella (2004, p. 50) entende:

[...] a formação continuada como proposta intencional e planejada, que visa a mudança do educador através de um processo reflexivo, crítico e criativo, conclui-



se que deva motivar o professor a ser ativo agente na pesquisa de sua própria prática pedagógica, produzindo conhecimento e intervindo na realidade.

A formação continuada tem por objetivo principal contribuir para a formação dos professores da educação básica da rede pública de ensino. Pimenta (2002) vai dizer que, não podemos cometer o engano de pensar que apenas a reflexão na prática e sobre a prática será suficiente para o encaminhamento adequado de todos os problemas enfrentados no fazer pedagógico.

Corroborando com o autor acima citado, educar para uma sociedade inclusiva é comprometer-se com a disseminação de novos paradigmas em relação a inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais e de todo e qualquer cidadão no ensino regular, gratuito e de qualidade. Portanto, para que ocorra uma aprendizagem significativa tanto para o aluno, quanto para o professor, se faz necessário antes de tudo, a qualificação dos profissionais que estão trabalhando diretamente com essas crianças, uma estrutura física que auxilie a todos, uma valorização do profissional da educação e uma visão de que aquela criança, mesmo com suas limitações é capaz de aprender e se desenvolver para a sociedade.

## **TRABALHO EM REDE: PROFESSOR E PSICOPEDAGOGO**

A psicopedagogia é uma área de conhecimento, que está em exponencial crescimento o Brasil. É uma ciência relativamente nova, apenas 30 anos, e têm por objeto de estudo, a criança em seu processo ensino-aprendizagem, independente da mesma ter alguma deficiência ou não, atuando assim, na prevenção e na intervenção.

[...] como se preocupa com os problemas de aprendizagem, o psicopedagogo deve ocupar-se inicialmente com o processo de aprendizagem, como se aprende, como essa aprendizagem varia e como se produzem as alterações na aprendizagem, como reconhecê-las trata-las e preveni-las. (PORTO, 2011, p. 11).

A Psicopedagogia se destina a todos aqueles quem tem algum tipo de dificuldade de aprendizagem, em qualquer camada social. Crianças, Jovens, Adultos. Dentre as áreas de atuação do Psicopedagogo, estão a instituição (escolar, empresarial, hospitalar) e na clínica. Na escola, o Psicopedagogo vai atuar diretamente com a coordenação escolar, afim de proporcionar um bom ensino-aprendizagem, atuando com uma equipe multidisciplinar (professor, família, coordenador, diretor).

Juntamente com uma equipe multidisciplinar, o psicopedagogo irá atuar de uma forma ativa com a criança, fazendo com que ocorra uma reabilitação dos mesmos em um ambiente sócio-educativo. Abrangendo-se de jogos lúdicos, contos de fadas, provas operatórias de Piaget, brincadeiras de faz de contas, entre outras habilidades, para que assim, seja possível propor um

gradativo desenvolvimento cognitivo dessas crianças. O psicopedagogo será a ponte que irá facilitar o processo de aprendizagem, interligando família e escola, aluno e escola, aluno e aluno e professor e aluno.

E assim, como afirma Olívia Porto (2011), a aprendizagem se processa pelo ato de compreender, que implica a apreensão de um sentido, de um significado. Com esse mesmo pensamento, essa autora relata que a escola deve estar atenta para as diferentes culturas e pessoas que estão neste âmbito educacional, fazendo com que a ponte seja proporcionada nesse meio.

O psicopedagogo deve buscar o que significa o aprender para esse sujeito, sua família, sua escola, tentando descobrir a função do não aprender. Conhecer como se dá a circulação de conhecimento sobre a dificuldade, modificando seu modo de pensar e de agir com relação à criança. (PORTO, 2011, p.19).

Além de todos esses métodos o Psicopedagogo poderá intervir no Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição escolar, de uma forma que oriente o corpo docente para que haja uma maior oportunidade de aprendizado desses deficientes e assim ocorra uma estrutura adequada de trabalho. Pode-se perceber a importância que esse profissional desempenha no processo educacional, onde ocorrerá a transmissão de conhecimento de maneira diversificada.

Considerando tudo que foi dito acima no que diz respeito ao papel do psicopedagogo, é possível perceber a importância do mesmo no âmbito escolar. O psicopedagogo irá trabalhar de forma direta com a coordenação pedagógica e principalmente com o professor.

Como afirma Chiote (2013) o processo de mediação que o professor faz parte, é de fundamental importância para o desenvolvimento da criança autista. E um dos métodos da mediação é a comunicação. Porém, como realizar uma comunicação se uma das características do autismo é justamente a dificuldade ou a ausência dela? É nesses momentos em que o psicopedagogo poderá atuar de forma significativa. Pensando juntamente com o professor, estratégias de comunicação que possa o auxiliar a integrar de fato a criança autista na escola.

Um dos métodos mais conhecidos é o Treatment and Education of Autistic Related Communication Handicapped Children, o método TEACCH o qual segundo Kwee e cols. (2009, p. 218) “é um programa que envolve as esferas de atendimento educacional e clínico, em uma prática com abordagem psicoeducativa, tornando-o por definição, um programa transdisciplinar”. Traduzido para o português significa Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Deficiências Relacionadas a Comunicação. Este método proporcionará uma melhor compreensão de algumas características do autista, dentre elas a comunicação, a intervenção social e a cognição. Esta intervenção parte de observações realizadas em crianças autistas para que seja identificado o comportamento das mesmas e a partir daí traçar um plano de intervenção.

Porém, é de fundamental importância destacar que, não existe uma fórmula pronta que ajude o professor a trabalhar com todo o tipo de autismo. O método TEACCH por exemplo, poderá funcionar de forma satisfatória com uma criança e com outra não. Por isso, o olhar do professor, da coordenação pedagógica, do psicopedagogo fará toda a diferença no trabalho com essas crianças. Assim como afirma Giné (apud COLL, 2010) é necessário que haja uma boa dose de cumplicidade e parceria entre o professor e o psicopedagogo.

E para que essa parceria aconteça, é indispensável conhecer o papel que cada um tem e respeitar o espaço que cada um exerce no âmbito escolar. Huguet in Bonals e Cols (2010) é importante reconhecer e respeitar o limite de cada atuação. O professor atua dentro da sala de aula, diretamente com o aluno e também fora dela, auxiliando nas atividades pedagógicas para os mesmos. Já o psicopedagogo tem como área de atuação na escola, a coordenação pedagógica e no auxílio ao professor, com a criança autista.

Com a prática diária nas escolas, é muito fácil que essas funções acabem por se confundirem um faz o papel do outro. Entretanto a organização territorial, ou seja, o reconhecimento de suas funções e o respeito mútuo, irá favorecer o real trabalho em rede e beneficiará a todos que estão envolvidos no processo.

## **MÉTODO**

A presente pesquisa foi do tipo multimétodo, pois abordou questões qualitativas e quantitativas. A investigação quantitativa caracteriza-se pela atuação nos níveis de realidade e apresenta como objetivos a identificação e apresentação de dados, indicadores e tendências observáveis. Este tipo de investigação mostra-se geralmente apropriado quando existe a possibilidade de recolha de medidas quantificáveis de variáveis e inferências a partir de amostras de uma população.

A investigação qualitativa, ao inverso da investigação quantitativa trabalha com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões. Este tipo de investigação é indutivo e descritivo, na medida em que o investigador desenvolve conceitos, ideias e entendimentos a partir de padrões encontrados nos dados, em vez de recolher dados para comprovar modelos, teorias ou verificar hipóteses. (MIRANDA, 2008)

## **AMOSTRA**

A amostra foi composta por 20 alunos do último período do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, UFPB, campus I. tendo sido uma escolha aleatória e por conveniência.

## INSTRUMENTO

Questionário contendo 12 questões que buscou realizar um levantamento do perfil sociodemográfico da amostra e o conhecimento deste a respeito do autismo. Para o delineamento e detalhamento da presente pesquisa, foram utilizados dois instrumentos, que abaixo serão descritos.

**Questionário Semiestruturado:** Os participantes responderam a um questionário, contendo perguntas sobre educação inclusiva, seu conhecimento acerca do autismo, a aprendizagem da criança autista, da formação acadêmica.

**Questões Sócio-demográficas:** Para atender o perfil da amostra, foi aplicado um questionário com as seguintes perguntas: idade, sexo e se já atua na sua profissão.

## PROCEDIMENTO

Inicialmente foi apresentado um termo de consentimento livre e esclarecido aos entrevistados, em que apresenta o objetivo da pesquisa. Após a assinatura do mesmo, foi entregue o questionário a ser respondido. A aplicação da pesquisa foi realizada na sala de aula levando em média 20 minutos na sua aplicação. Também foi enfatizado que nenhum dado será acerca dos participantes seriam divulgados.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Retomando os objetivos citados no início do texto, a presente pesquisa teve por objetivos analisar a percepção que os graduandos do último período do curso de pedagogia da Universidade Federal da Paraíba tem em relação ao autismo. Também se busca identificar como o tema é abordado na formação de professores, bem como estudar as características do autismo, através da análise bibliográfica. Para uma melhor visualização, os dados foram dispostos através de gráfico.

Em relação aos participantes da pesquisa, dos 20 que responderam o questionário, 95% é do gênero feminino e 5% é do gênero masculino. A idade dos mesmos se encontra entre os 16 até os 54 anos de idade e apenas 20% já trabalhou de alguma forma com uma criança autista.

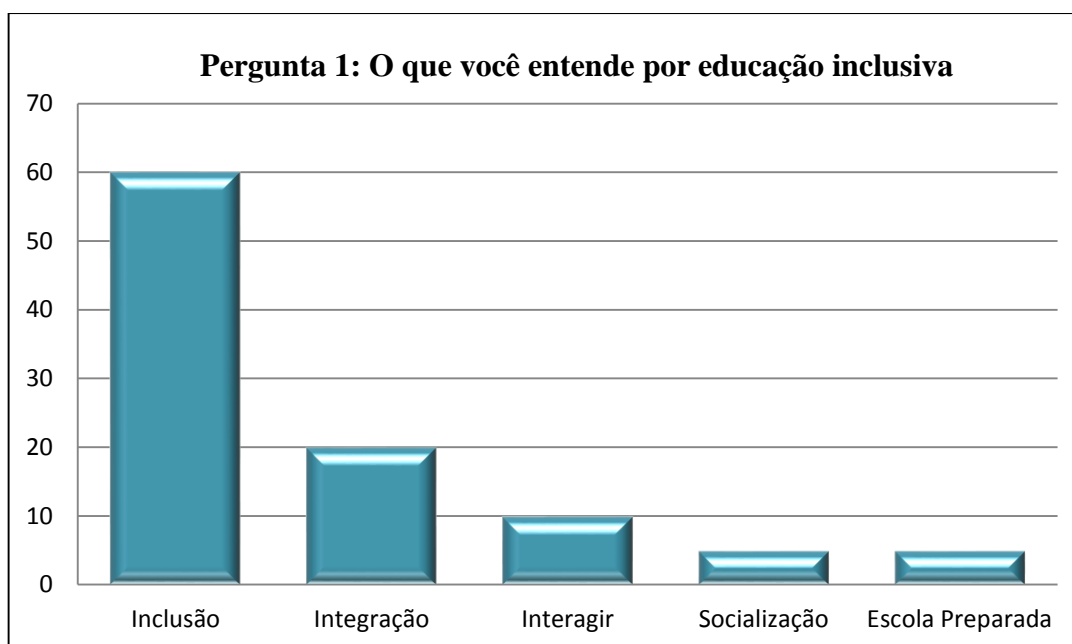


Gráfico 1 / Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com o gráfico acima, podemos perceber que dos 20 participantes da pesquisa, 60% acredita que escola inclusiva, significa inclusão; 20% entende escola inclusiva como sendo integração; 10% como sendo um processo de interagir e cerca de 5% entendem que escola inclusiva está relacionada com a socialização e com escola preparada.

A preocupação maior, portanto, deveria ser em oferecer à criança com alguma deficiência, além de um espaço físico em sala de aula, o respeito e a compreensão aos seus talentos e habilidades. Oferecer um sistema de ensino de qualidade a todos os alunos, respeitando suas diferenças, deveria ser o ponto de partida para a melhoria do acesso dos alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular (BARBA, 2009).

Assim como diz o autor acima citado, a inclusão da criança vai muito mais além do que preparar a estrutura física de um ambiente. A escola é feita de pessoas, e para receber essas pessoas com necessidades seja elas físicas, cognitivas, as pessoas devem estar capacitadas para tal proeza.

Pouco adianta uma boa estrutura sem um corpo docente qualificado, motivo, empenhado em verdadeiramente incluir a criança. E essa formação deve-se começar na instituição que o profissional se qualificou para trabalhar, ou seja, em universidades sejam elas públicas ou particulares. A capacitação deve começar no ambiente universitário e continuar por todo o período de atuação profissional, entendendo que o professor nunca deixa de aprender.

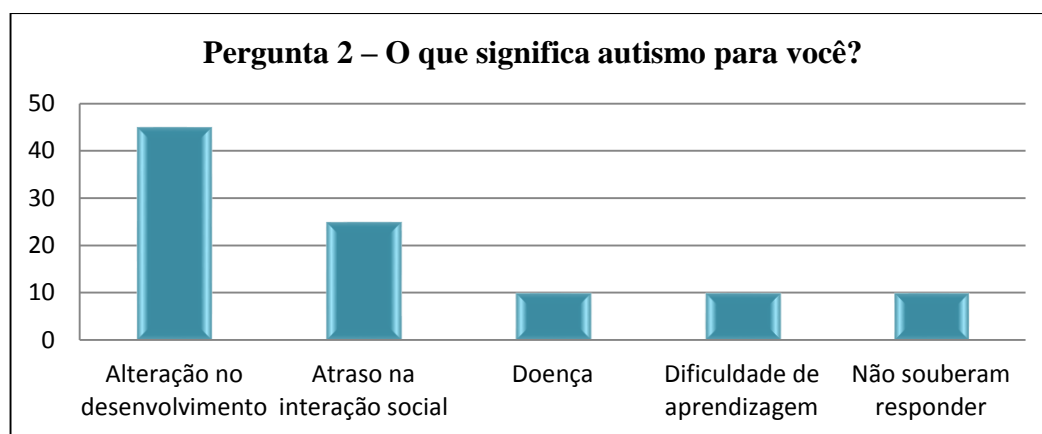


Gráfico 2 / Fonte: Dados da pesquisa

Podemos observar que 45% dos participantes acreditam que autismo significa um atraso no desenvolvimento, 25% diz que significa um atraso na interação social. Já 10% acredita que se trata de uma doença, ainda mais dificuldade de aprendizagem outros 10% não souberam dar um significado para o autismo.

O autismo é classificado como um transtorno invasivo do desenvolvimento que engloba significativas dificuldades ao longo da vida nas habilidades sociais e comunicativas – além daquelas atribuídas ao atraso global do desenvolvimento – e também comportamentos e interesses limitados e repetitivos. (BOSA, 2006). O autismo é um distúrbio do desenvolvimento humano que vem sendo estudado pela ciência há quase seis décadas, mas sobre o qual ainda permanecem divergências e grandes questões ainda indecifráveis.

Apesar de todo o estudo voltado para a temática, muitos ainda desconhece o seu significado, ou tem uma visão distorcida acerca do transtorno. Muitos não conseguem defini-lo, tampouco conseguem trabalhar com eles. Muitos ainda confundem com doença ou até relacionam o autismo com dificuldade de aprendizagem, que não necessariamente teria relação, levando em consideração sua grande variação e grau. Tal pensamento já formado na instituição, pode levar a futuros profissionais, um certo receio de trabalhar com essas crianças.

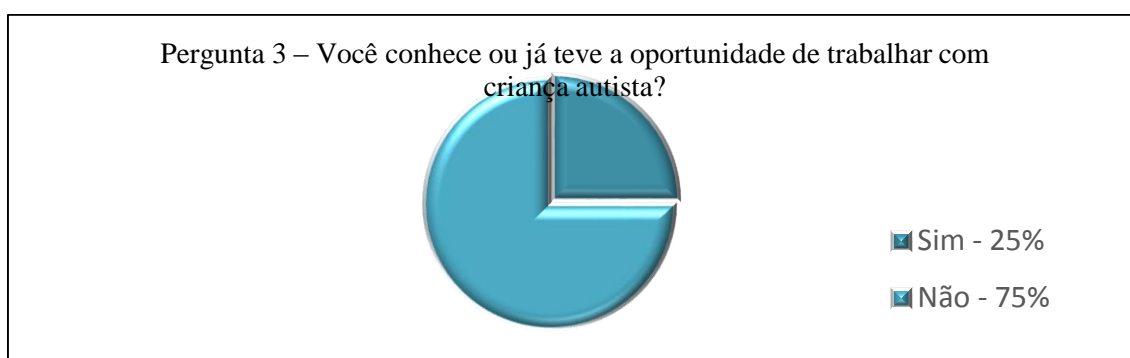


Gráfico 3 / Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com levantamento e análise dos dados, foi possível perceber que 75% dos participantes nunca tiveram algum tipo de contato com a uma criança autista até o momento em que a pesquisa foi feita e cerca e 25% diz ter tido algum tipo de contato durante sua formação pedagógica. Para (COLL et al, p. 294,2004), o trabalho do professor competente é ajustar todos os alunos a construir aprendizagens significativas.

Nessa perspectiva podemos refletir na seguinte questão, como realizar um trabalho significativo se não temos uma prática atrelada a uma teoria? Durante a formação do profissional em pedagogia, seria de fundamental importância que se fosse realizadas visitas, observações, debates de estudos de casos, para que fosse possível trabalhar a teoria atrelada a prática e a realidade diária que os futuros pedagogos irão enfrentar.

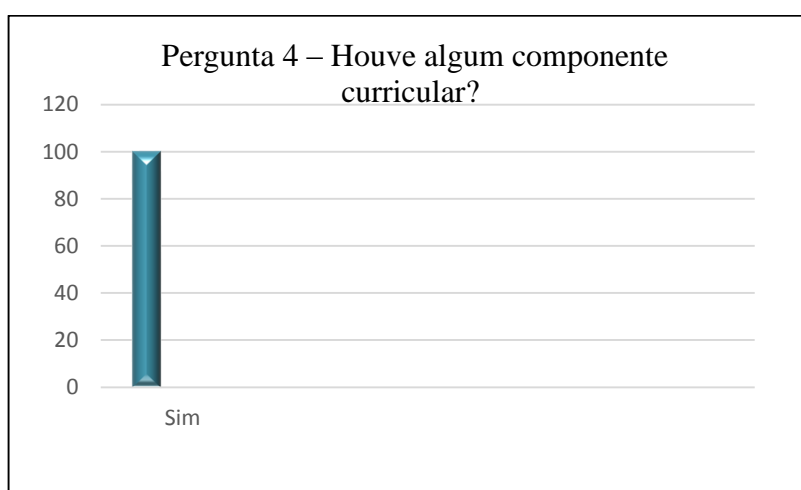


Gráfico 4 / Fonte: Dados da pesquisa

Analisando o gráfico, podemos verificar que 100% dos participantes, disseram que houve um componente curricular que abordasse o tema autismo.

Como afirma Fernandes (1996) a instituição de ensino superior tem como um dos principais objetivos, produzir conhecimentos científicos que possa beneficiar a sociedade de forma significativa e ainda ter a capacidade de formar um quadro de profissionais que possam atender a demanda da sociedade em que a mesma está inserida.

Entretanto, não era esse o pensamento mais comum dos participantes. Muitos em suas falas informais, disseram que mesmo que o componente curricular abordasse o tema, era feito de forma muito superficial e que não se sentiam capazes de trabalhar com essas crianças. Foi falado também que quando era falado sobre algum tipo de transtorno, o autismo por exemplo, o tema era abordado por apenas uma semana, no máximo duas, e não era trabalhado proposta que o professor poderia trabalhar.

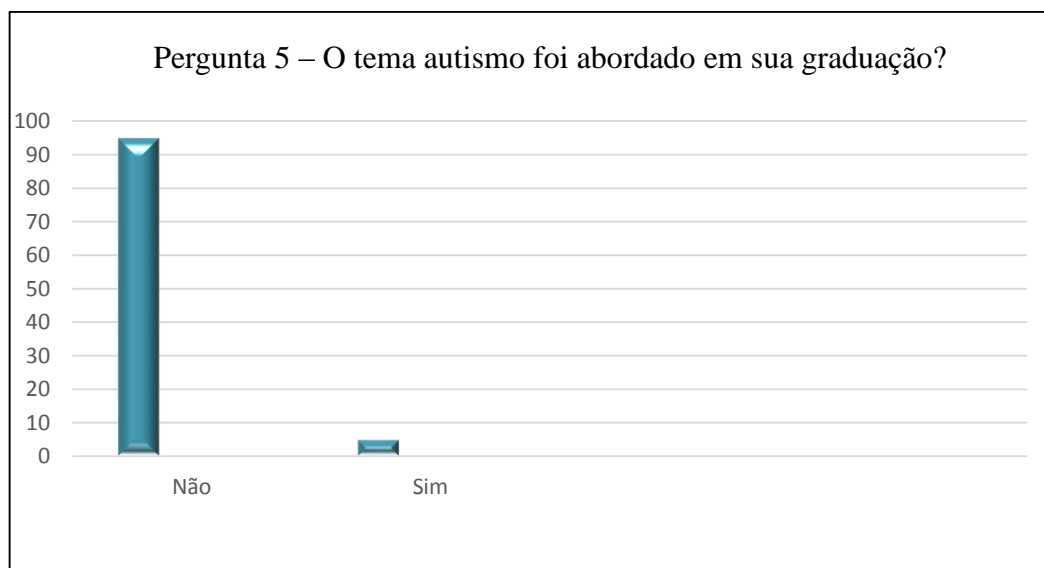


Gráfico 5 / Fonte: Dados da pesquisa

Diante do gráfico podemos perceber que uma grande maioria, 95% dos participantes responderam que não se sentem seguros para trabalhar com uma criança autista. E apenas 5% diz estar seguro para atuar de forma segura. Para ilustrar essas opiniões, serão extraídos duas respostas que exemplifica bem o gráfico

*Sujeito 18: “Eu acredito que o tema foi muito bem abordado pelos professores e mesmo não tendo atuado com uma criança autista, me sinto confiante que vou fazer um bom trabalho.”*

Como afirma Chiote (2013), por meio de seu trabalho e dedicação o professor pode ser agente transformador de todos que estão e sua volta. E esse tipo de sentimento deve ser repassado para sua prática e atuação em sala de aula, visando sempre a criança em seu processo de desenvolvimento.

Por outro lado, observamos a resposta do sujeito 7:

*Sujeito 7:” Não! para nós que vamos sair para a sala de aula, precisamos nos capacitar particularmente, porque a instituição não nós oferece o mínimo”*

Pimenta (2002) vai dizer que, não podemos cometer o engano de pensar que apenas a reflexão na prática e sobre a prática será suficiente para o encaminhamento adequado de todos os problemas enfrentados no fazer pedagógico. O sujeito 7, representa a grande massa dos entrevistados que diz não se sentirem capazes de atuar com uma criança autista.

Falsarella (2004, p. 50) entende: [...] a formação continuada como proposta intencional e planejada, que visa a mudança do educador através de um processo reflexivo, crítico e criativo, conclui-se que deva motivar o professor a ser ativo agente na pesquisa de sua própria prática pedagógica, produzindo conhecimento e intervindo na realidade.

A proposta da formação continuada, é em aprofundar uma área de conhecimento em que o professor se sinta interessado ou até mesmo, que o mesmo necessite para a sua prática docente. Tendo



isso em vista, é de suma importância que o Estado, a escola incentivem esses profissionais na reciclagem, em suas práxis e técnicas de atuação.

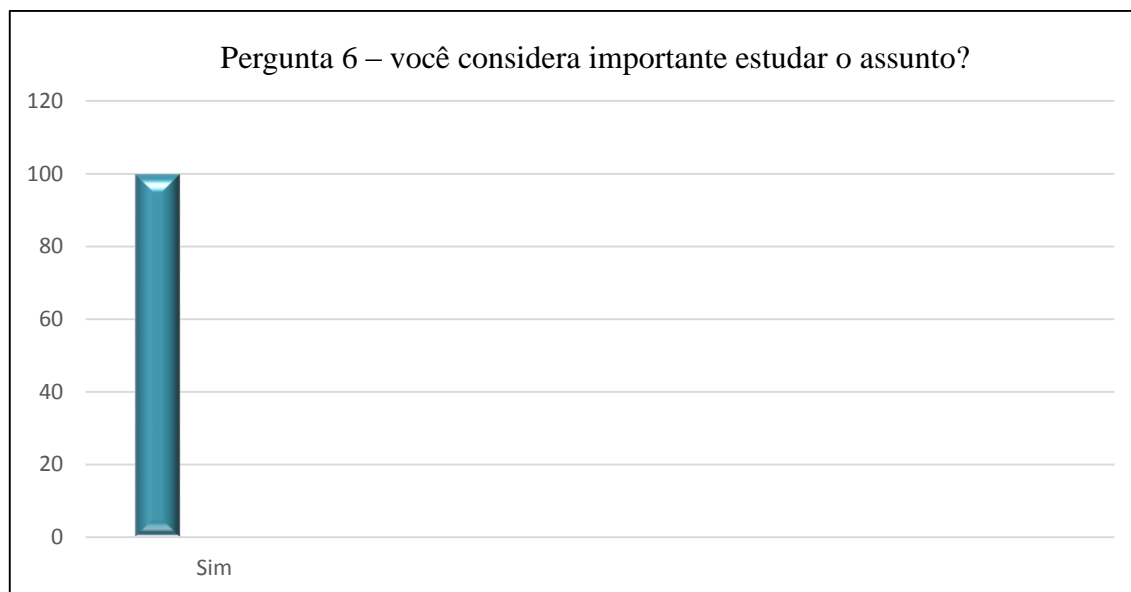


Gráfico 6 / Fonte: Dados da pesquisa

O gráfico foi bem claro ao demonstrar que 100% dos participantes, entendem que é de fundamental importância que tenham essa base teórico/prático na instituição de ensino superior. Tal sentimento será demonstrados a seguir em algumas falas encontradas nas respostas dos sujeitos:

*Sujeito 9: “Apesar de estarmos vendo agora no 8º período, acredito que deveria ser melhor trabalhado em momentos anteriores para que durante os estágios a gente pudesse observar”.*

*Sujeito 15: “Muito importante, porém não bem abordado nas cadeiras e me sinto despreparada e sinceramente não saberei o que fazer se aparecer um autista na minha sala de aula”.*

*Sujeito 17: “Houve sim, porem com a complexidade e subjetividade do tema, não foi abordado com a importância merecida”.*

Analisando e refletindo a respeito das respostas obtidas, podemos concluir que apesar da necessidade evidente em se estudar acerca do autismo, ainda vemos instituições que pouco fazem ou ainda não fazem, ou moldam, ou se transformar para que consigam atender as necessidades e a realidade encontrada nas instituições. Coll (2004) vai dizer que a forma como se propõem as situações de ensino e de aprendizagem é determinante para conseguir ou não uma aprendizagem significativa.

Levando em consideração os dados encontrados e o que o autor diz, encontramos um abismo entre o que a teoria diz e o que a prática nos mostra. Para que o aprendente alcance seus objetivos de aprender, é necessário que o ensinante tenha qualificação para poder transmitir os conhecimentos necessários. É um dos papeis da instituição superior, preparar os profissionais e capacita-los para trabalhar com o grupo que irá encontrar nas escolas, e um desses grupos é de crianças com

deficiências, limitações. Não se pode pensar em inclusão sem a capacitação de profissionais para trabalhar com tal proposta.

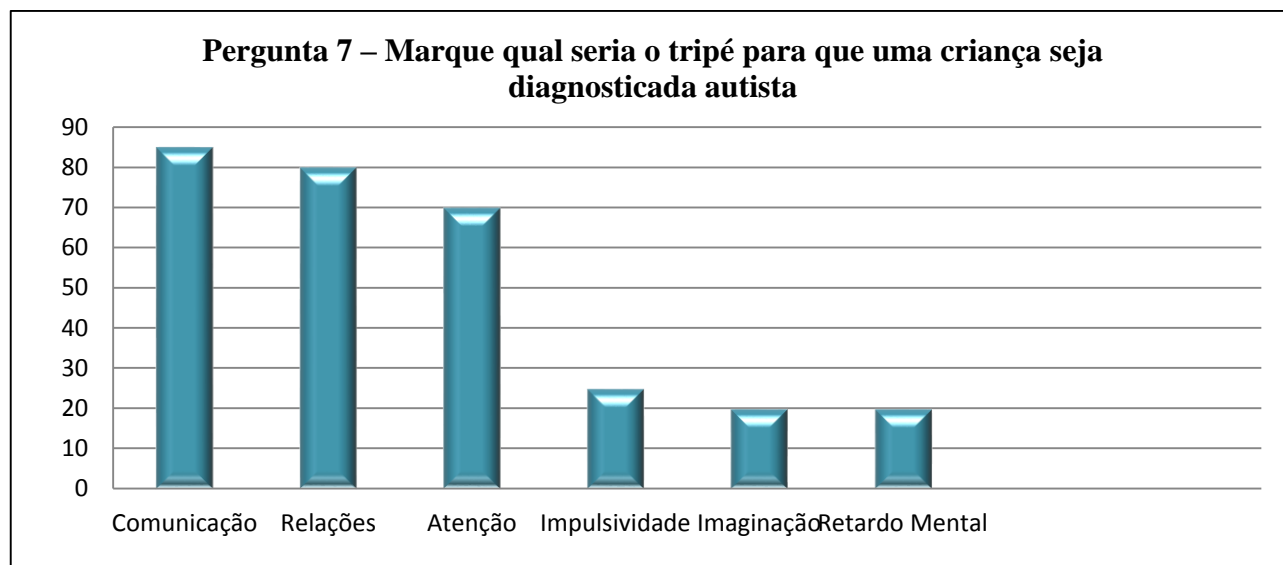


Gráfico 7 / Fonte: Dados da pesquisa

O gráfico acima diz respeito acerca do tripé, ou seja, as três características principais que deve-se observar para diagnosticar o autismo. 85% responderam que a comunicação faz parte desse tripé; 80% que a dificuldade nas relações sociais estão relacionados ao diagnóstico; 70% afirma que dificuldade de atenção é característico do autismo; 25% vai dizer que a impulsividade faz parte do diagnóstico e cerca de 20% disseram que a dificuldade de a dificuldade em imaginar e o retardo mental fazem parte do tripé de diagnóstico do autismo.

O autismo infantil é um dos termos mais utilizados e controversos na área da saúde e educação, sendo este introduzido pela primeira vez por Bleuler nos princípios do século XX, para designar a perda do contato com a realidade, o que acarretava uma grande dificuldade ou impossibilidade de comunicação (GADIA; TUCHMAN; ROTTA, 2004).

É utilizado ainda, para descrever um grupo de comportamentos inadequados, como por exemplo: dificuldades na aprendizagem, deficiência nas relações sociais, déficit comunicativo e comportamentos estereotipados, considerado um transtorno incapacitante e que afeta indivíduos, independentemente, de etnia, status e credo.

Na interação social, a criança autista, tem uma das áreas mais prejudicadas de seu desenvolvimento. Ela quase não interage com seus familiares (pai, mãe, avós) e tampouco com pessoas estranhas. Na idade escolar, a criança autista, não tem contato nenhum com seus pares muito menos criam vínculos com seus professores.

Já na comunicação verbal e não-verbal, a criança autista, têm muitas dificuldades em se comunicar, seja na linguagem verbal, seja na não-verbal. A linguagem verbal seria tudo que é falado

pela criança, onde uma das áreas mais prejudicadas é a comunicação verbal, em que o Autista tem um atraso na linguagem muito significativa. Já na linguagem não-verbal, refere-se ao contato físico e as expressões faciais de emoção, ou seja, o autista não tem nenhum ou quase nenhum contato físico com as pessoas. Dificultando assim, as relações afetivas.

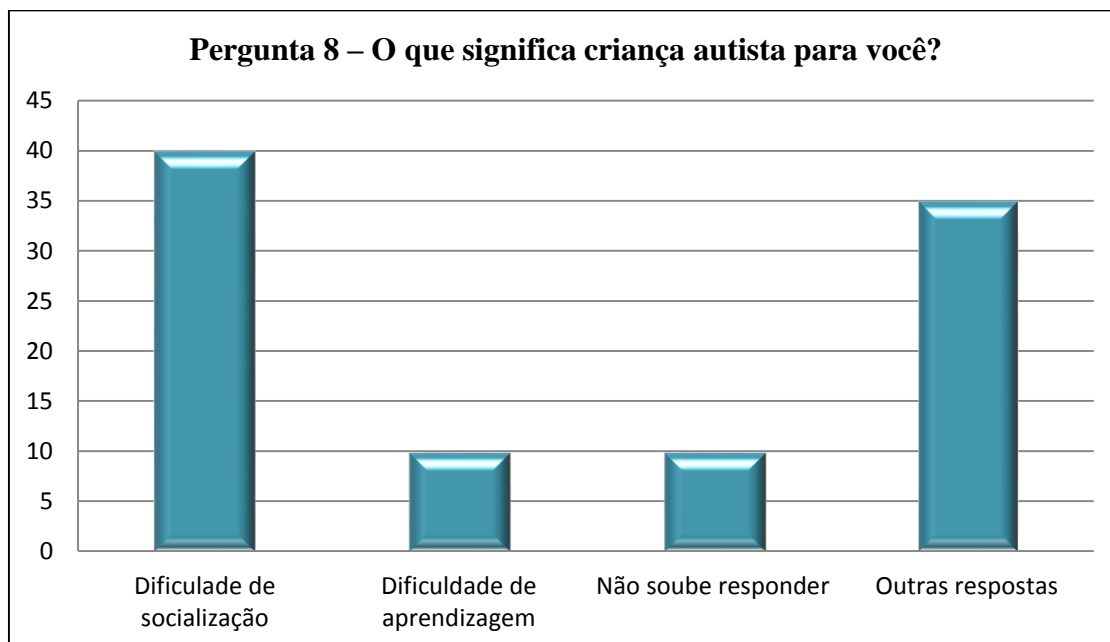


Gráfico 8 / Fonte: Dados da pesquisa

Se tratando de suas percepções acerca da criança autista, 40% veem essas crianças como pessoas com dificuldades de socialização; 10% as enxergam como crianças que terá sérias dificuldades de aprendizagem; 10% disseram não souberam responder. E 35% dos participantes, deram outras respostas totalmente fora do contexto da pergunta.

Incluir a criança com autismo vai além de colocá-la em uma escola regular, em uma sala regular; é preciso proporcionar a essa criança aprendizagens significativas, investindo em suas potencialidades, constituindo assim, como um ser que aprende, pensa, sente, participa de um grupo social e se desenvolve com ele e a partir dele, com toda sua singularidade. (Chiote, 2013, p.21)

A criança autista apesar de todas as suas limitações, ressaltando que todo mundo tem algum tipo de limitação, ela é muito mais que uma simples monte de dificuldades, transtornos. Como profissionais da educação, não podemos vê-los desta forma, pois a sociedade já faz isso. Devemos enxergar em cada um, seu potencial e ressaltar ele e trabalhar também suas dificuldades para diminuí-las na medida do possível. E essa construção de pensamento, se dá através de estudos, pesquisas, vivências na universidade e em outros ambientes.

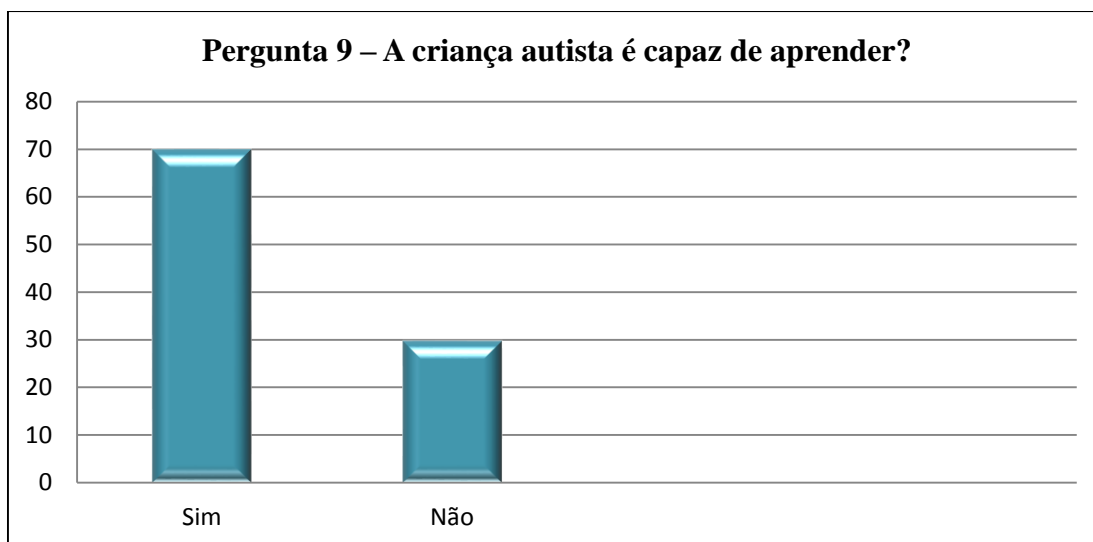


Gráfico 9 / Fonte: Dados da pesquisa

No gráfico 9, representa a percepção dos participantes sobre a aprendizagem da criança autista. 70% dos participantes disseram que a criança autista, com a estimulação correta tem sim a possibilidade de aprender e 30% respondeu que elas não tem condições de aprender.

Segundo Beauclair (2011), todas as pessoas têm capacidade de adquirir um bom desenvolvimento cognitivo, ou seja, todos têm a capacidade de aprender, sendo que com ritmos variados. Os estudos demonstram que apesar dos autistas possuírem dificuldade em se comunicar, em estabelecer contato com o outro e viver apenas o seu mundo eles têm pleno rigor para adquirir novos conhecimentos, no entanto se faz necessário que haja um incentivo maior por parte de profissionais qualificados.

A seguir, será mostrado algumas respostas dadas pelos participantes a respeito da aprendizagem da criança autista.

*Sujeito 6: “Sim. Mas depende do que consideramos aprendizagem. Pode sim aprender diversas coisas, mas tem limitações e na sala regular não favorece o seu aprendizado.”*

*Sujeito 13: “Sim. Porém é preciso o preparo dos professores para que essa criança aprenda e não fazer o inverso, exclui-la.”*

*Sujeito 9: “Não. Suas limitações exigem didática e tempo diferentes para crianças demais na sala de aula.”*

Para entendermos a respeito do processo de aprendizagem do infante Autista, devemos primeiramente, definir o conceito de aprendizagem. Que nada mais é, que todas as experiências de uma criança, onde essas experiências geram significado e compreensão e modificação do comportamento.

A aprendizagem da criança autista, requer uma certa paciência, seja quem for trabalhar com ele (professor, pais, psicopedagogo). O fato da criança não se comunicar adequadamente, tampouco permitir o contato físico, dificulta o seu processo. Os movimentos estereotipados, a

hipersensibilidade, todos esses aspectos clássicos no autista, deve ser de domínio do professor, para que o mesmo possa realizar atividades que melhore a qualidade de vida da criança.

Vale ressaltar que os aspectos cognitivos do autista, é em sua maioria, preservadas e em alguns casos, com o QI superior aos de desenvolvimento típico, portanto o autista é capaz de aprender sim! Se houver condições adequadas que favoreçam essa aprendizagem.

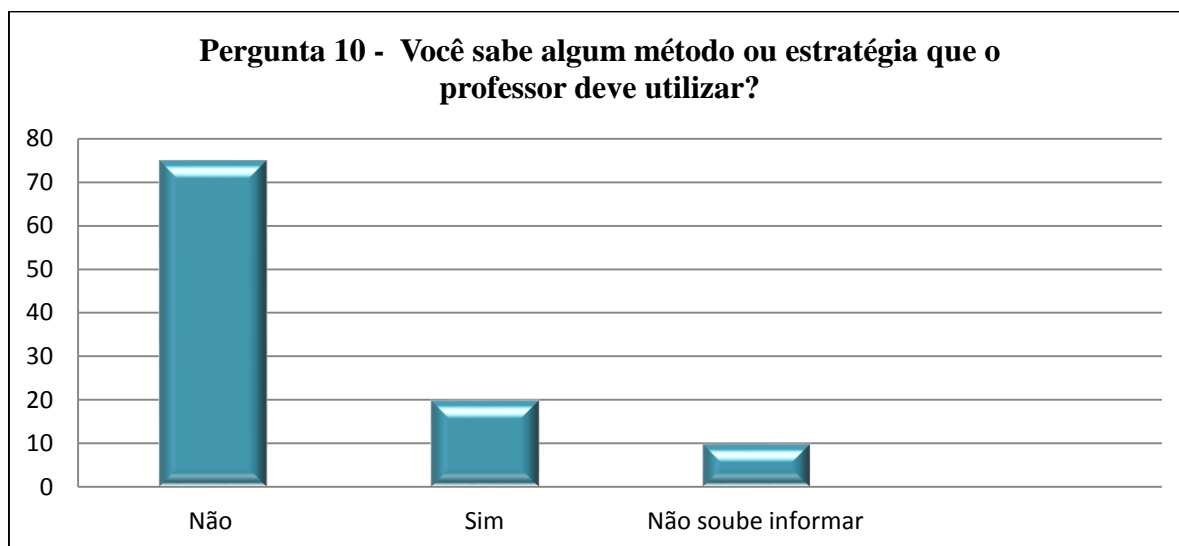


Gráfico 10 / Fonte: Dados da pesquisa

Como podemos perceber no gráfico 10, 70% dos participantes responderam que não sabe de nenhum método que possa trabalhar com a criança autista; 20% responderam que conhecem métodos, porém não especificaram quais são e por fim 10% não souberam responder a pergunta.

Segundo Rodrigues (2010), alguns princípios que deve ser analisado neste método são: o entendimento como age e pensa as crianças autistas; elaboração de planos terapêuticos para cada criança, de acordo com o seu comportamento; adaptação dos métodos de ensino; selecionar os comportamentos que são aparentes; verificar aquilo que o autista pode fazer e o que não pode fazer.

É de fundamental importância que o profissional esteja disposto a trabalhar com a criança autista. Que estude, busque, se requalifique e que tenha uma bagagem teórico na instituição de formação.

Cada dia mais, a criança autista está saindo de suas casas para a escola. E com essa transformação, a metodologia de ensino deve ser repensada e a formação do professor deve ser agregada esse tipo de assunto. Apropriar-se de fato e direito do transtorno e junto com a escola, trabalhar métodos diferenciados de ensino para a criança autista.

*Sujeito 7: “Em conjunto com profissionais qualificados. Psicopedagogo, psicólogo, e etc. juntos desenvolveriam métodos certos para o aluno”*

Corroborando com a fala do sujeito, é importante ressaltar que existem métodos adequados que os professores podem se utilizar para auxiliar a criança, como o método TEACCH, porém é de fundamental importância, antes de tudo, conhecer a criança, suas dificuldades e limitações e assim, adaptar os métodos a cada criança e não ao contrário. E se necessário for, criar novos métodos que auxilie aquela criança.



Gráfico 11 / Fonte: Dados da pesquisa

Já no gráfico 11, podemos perceber que 65 disseram que as primeiras características do autismo é manifestado antes dos 3 anos de idade e 35% não souberam responder.

Ambos os manuais diagnósticos mais utilizados DSM-IV (Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais, 1996) como a CID-10 (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde da Organização Mundial da Saúde) requerem a identificação de anormalidades naquelas áreas do desenvolvimento, antes da idade de 36 meses, por ser nesta fase onde, principalmente a família, começa a perceber melhor os comportamentos sociais e brincadeiras das crianças. (BOSA, 2006).

A maioria da população, quando chegam a uma certa idade sentem o desejo de ter um filho para passar seus ensinamentos, perpetuar a família, pressão de familiares enfim, vários são os motivos para querer um filho. É criada uma expectativa muito grande em cima desse filho que ainda nem nasceu, o futuro dele é traçado pelos pais. Tudo é planejado nos mínimos detalhes, para que não lhe falte nada.

Chega então, o grande dia, a criança nasce e os pais idealizam um filho perfeito, cheio de saúde e que dará e receberá muito carinho. Um tempo se passa e os pais começam a notar certos comportamentos que não normais em uma criança saudável. Mais um tempo se passa e os pais começam a ficar preocupados com certas atitudes da criança. Preocupados, vão a um psiquiatra e então é dado o diagnóstico de Espectro autista.

Quanto antes os pais perceberem os sintomas, observarem a sua criança, certas atitudes que não coincidem com uma criança de sua idade, deve-se levar o quanto antes ao profissional adequado, que nesse caso o psiquiatra, o único que pode fazer o diagnóstico da criança e assim começar os devidos tratamentos necessários.

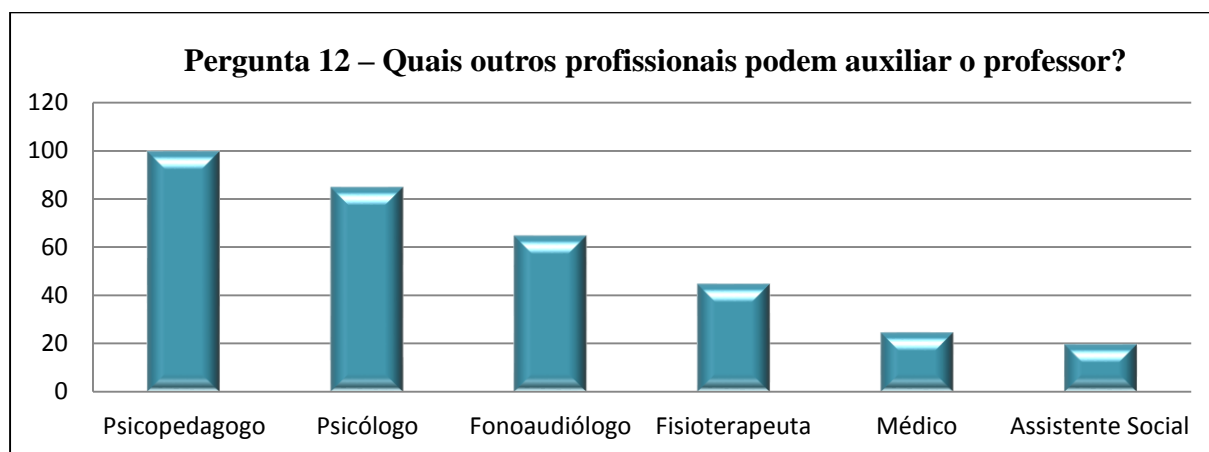


Gráfico 12 / Fonte: Dados da pesquisa

No último gráfico, podemos observar que 100% dos entrevistados entendem que o psicopedagogo é fundamental para auxiliar o professor na escola; 85% acredita que o psicólogo escolar realiza um papel fundamental; 65% disseram que o fonoaudiólogo pode ajuda-los; 35% o fisioterapeuta; 25% o médico e por fim 20% o assistente social.

De acordo com Porto (2011) como se preocupa com os problemas de aprendizagem, o psicopedagogo deve ocupar-se inicialmente com o processo de aprendizagem, como se aprende, como essa aprendizagem varia e como se produzem as alterações na aprendizagem, como reconhecê-las trata-las e preveni-las

E a partir desse pressuposto a ação psicopedagógica torna-se importante neste âmbito. A psicopedagogia como área do conhecimento, que tem como objeto de estudo o processo de ensino-aprendizagem, identificando assim, as habilidades do aluno e as dificuldades que precisam ser analisadas.

Juntamente com uma equipe multidisciplinar, o psicopedagogo irá atuar de uma forma ativa com esses deficientes. Fazendo com que ocorra uma reabilitação dos mesmos em um ambiente socioeducativo. Abrangendo-se de jogos lúdicos, contos de fadas, brincadeiras de faz de contas, entre outras habilidades, para que assim, seja possível propor um gradativo desenvolvimento cognitivo dessas crianças.

O psicopedagogo será a ponte que irá facilitar o processo de aprendizagem, interligando família e escola, aluno e escola, aluno e aluno e professor e aluno.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi mostrado acima, o objetivo da pesquisa, foi de analisar a percepção que a turma do último período do curso de pedagogia da Universidade Federal da Paraíba tem em relação ao autismo e da inclusão dos mesmos na escola regular. Com base nesse objetivo, e através de um grande apanhado teórico, foi possível perceber o quanto é importante a inclusão da criança autista na escola regular e na capacitação dos profissionais que irão trabalhar de forma direta com os mesmos. E em contrapartida das diferenças entre a teoria e a prática, o quanto uma está distante da outra neste contexto.

Diante de tudo que foi coletado, analisado e debatido, é possível perceber que os mesmos foram compatíveis com os objetivos. Foi possível extrair dos participantes as respostas necessárias para se realizar o trabalho de maneira significativa.

Levando em consideração que nenhuma pesquisa é totalmente perfeita e ausente de dificuldades. A pesquisa teve certas limitações acerca do tempo para se realizar a pesquisa, um tempo muito curto diante de tudo que tinha que ser feito. Outra dificuldade foi na coleta dos dados, muitos se recusaram a participar da pesquisa, por isso foi necessário quase um mês para realizar uma coleta tão reduzida. Foram encontrados obstáculos na análise dos dados e no momento de debater os dados.

E assim, o autismo sendo um transtorno que não tem cura e nem características físicas aparentes, percebe-se que as crianças que possuem este transtorno, são tão ricas de habilidades, como também possuem suas limitações, cabendo ao profissional, principalmente aos da educação, saber lidar, respeitar o ritmo, o corpo e as emoções de cada um, com planejamento e criatividade.

Busca-se com isso, que ocorra o aperfeiçoamento do fazer pedagógico no que tange a saber identificar e encaminhar para a intervenção de uma equipe multiprofissional, voltada a apoiar a mediação do conhecimento da criança pequena, no âmbito da educação infantil.

Percebe-se que a educação infantil, etapa primeira da educação básica, é de fundamental importância para o desenvolvimento da criança autista e que muitos profissionais desconhecem as habilidades que podem desempenhar ao decorrer do seu trabalho para um melhor desenvolvimento dessas crianças.

Observou-se também a partir desta pesquisa que se precisa de uma compreensão mais adequada do assunto abordado pelos entrevistados. Destaco assim, a necessidade de pesquisas que envolvam essa temática a fim de alertarmos os profissionais envolvidos na educação infantil da responsabilidade em desenvolver uma educação que, de fato, atenda às necessidades e interesses da criança pequena na escola, principalmente das que são autistas.



## **PERCEPCIÓN DE LOS EDUCADORES EN LA FORMACIÓN RELATIVA A LA INCLUSIÓN DEL PROCESO INFANTE AUTISTA EN LA ESCUELA REGULAR**

### **ABSTRACTO**

El autismo se define por los cambios actuales desde una edad muy temprana, por lo general antes de la edad de tres años, y que siempre se caracteriza por los cambios cualitativos en la comunicación, la interacción social y en la imaginación. Esta patología también se sucede en las familias de diferentes razas, credos y clases sociales. Por lo tanto, el objetivo de este estudio fue evaluar la percepción de los educadores en la formación relativa a la inclusión del proceso infante autista en la escuela regular. En el presente estudio se llevó a cabo una recopilación de datos utilizando un cuestionario con 12 preguntas que trataban de estudiar el perfil sociodemográfico de la muestra y el conocimiento sobre el autismo, así como su formación pedagógica. El uso de este instrumento permitió el conocimiento acerca de la percepción de los futuros educadores sobre la inclusión del niño autista, así como su formación académica. A partir de estas respuestas, podemos discernir algunos factores probables que interfieren sustancialmente en el proceso de inclusión. Es de destacar que, 20 personas participaron en esta investigación, todos en el último periodo de pedagogía en la Universidad Federal de Paraíba. Se espera que los resultados de esta investigación pueden ayudar a los maestros y otros profesionales de la educación para comprender y participar en el proceso de aprendizaje de los autistas.

**Palabras clave:** Autismo. Inclusión. Pedagogos

### **REFERÊNCIAS**

BARBA, Patrícia Carla de Souza Della. **De que inclusão estamos falando?** A percepção de educadores sobre o processo de inclusão escolar. 2009 Disponível em: <http://www.pedagogobrasil.com.br/educacaoespecial/dequeinclusao.htm>

BEAUCLAIR, J. **Psicopedagogia:** trabalhando competências, criando habilidades. Rio de Janeiro, Wak, 2011.

BOSA Cleonice Alves. **Autismo:** intervenções psicoeducacionais. Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre; 2006.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** - Lei nº9394/96.

COLL, César e Colaboradores. **Desenvolvimento psicológico e educação.** 2 .Ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CHIOTE, Fernanda de Araújo Binatti. **Inclusão da criança com autismo na educação infantil:** trabalhando a mediação pedagógica. RJ. Ed: Wak, 2013

DANTAS, Éder da Silva. **Inclusão políticas e práticas.** João Pessoa: UFPB, 2012.

FALSARELLA, A. M. **Formação continuada e prática de sala de aula**: os efeitos da transformação continuada na atuação do professor. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2004.

FERNANDES, F. **Educação e sociedade no Brasil**. São Paulo: EUSP, 1996.

GINÉ, Climent. A avaliação psicopedagógica In COLL, C.; MARCHESI, Á.; PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação**. 2ª.Ed: Porto Alegre: Artmed, 2010.

HUGUET, T. Avaliação psicopedagógica dos alunos e trabalho em rede in CANO-SANCHEZ, M; BONALS, J. **Avaliação psicopedagógica**. Porto Alegre: Artemed, 2008.

KWEE, Caroline Sianlian et all. **Autismo**: uma avaliação transdisciplinar baseada no programa TEACCH. Rev CEFAC, v.11, Sup 12, 217-226, 2009 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v11s2/a12v11s2.pdf> Acesso em: 26 de Julho. 14.

MIRANDA, M.C.S. **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 6ª edição, 2008.

PIMENTA, Selma Garrido. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Org). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002.

PORTO, Olívia. **Psicopedagogia institucional**: teoria, prática e assessoramento psicopedagógico. Rj. Editora. Wak, 2011.

RODRIGUES, J. **A criança autista**: um estudo psicopedagógico. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

ROTTA, Newra Tellechea; GADIA, Carlos. **Transtornos da aprendizagem abordagem neurobiológica e multidisciplinar**. Porto Alegre, ed: Artemed, 2006.

XAVIER, Maria Amelia Vampré. **O Processo de Inclusão no Brasil e na América Latina**. 2007 Disponível em: <http://www.disabilityworld.org/March2000/Spanish/InclusionPort.htm> Acesso em: 15 de julho de 2014.

## APÊNDICE A – questionário para a aplicação da pesquisa

### Questionário

Idade: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_

Você trabalha? ( ) Sim Onde? \_\_\_\_\_ ( ) Não

1) O que você entende por escola inclusiva?

---

2) O que significa “autismo” para você?

---

3 ) Você conhece ou já teve a oportunidade de trabalhar com crianças autistas?

SIM ( ) NÃO ( ) Em caso positivo Onde e por quanto tempo? \_\_\_\_\_

4) Durante o curso de graduação houve algum componente curricular que apresentasse o tema em questão. ( ) SIM ( ) NÃO. Em caso positivo, QUAL? \_\_\_\_\_

5) O tema Autismo, no período da graduação, foi bem abordado para que se tenha segurança na atuação profissional? ( ) SIM ( ) NÃO

6) Se não houve componente curricular á respeito do tema em questão, você considera importante para que seja estudado para sua atuação profissional? ( ) SIM ( ) NÃO

7) Marque qual seria o tripé para que uma criança seja diagnosticada como autista:

Impulsividade	Déficit de Atenção	Retardo Mental	Anomalia Cardíaca
Dificuldades nas relação sociais	Comprometiment o da Imaginação	Características aparentes	Dificuldades na comunicação verbal e não verbal

8 ) O que significa “criança autista” para você?

---

9) Na sua percepção a criança autista é capaz de aprender como as crianças tidas como “normais”? ( ) SIM ( ) NÃO

10) Você sabe quais métodos ou estratégias o professor (a) deve utilizar com a criança autista?

---

11) As manifestações das características do autismo devem apresentar desde que idade?

Antes dos 3 anos	Após os 5 anos	Na adolescência	Não sei informar
------------------	----------------	-----------------	------------------

12) Quais são os outros profissionais que poderiam trabalhar em conjunto com o professor em prol do aprendizado do autista?

Médico	Psicopedagogo	Assistente Social
Fonoaudiólogo	Fisioterapeuta	Psicólogo

**ANEXO A – Carta de compromisso***Universidade Federal da Paraíba*

Centro de Educação

Curso de Psicopedagogia

João Pessoa, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**CARTA DE COMPROMISSO DO ALUNO**

Eu, \_\_\_\_\_, matrícula \_\_\_\_\_, aluno regulamente matriculado no curso de Psicopedagogia, solicito a orientação do(a) professor(a) \_\_\_\_\_ do Departamento \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ da Universidade Federal da Paraíba, para meu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, cuja conclusão deverá ocorrer no período \_\_\_\_\_.

Por meio desta, deixo registrado meu compromisso para finalizar o trabalho no tempo vigente, sob a orientação do referido professor, assim como a possibilidade de cancelamento de orientação pelo professor orientador em função do não cumprimento dos prazos estabelecidos pela Coordenação do Curso de Psicopedagogia.

Sem mais,

Atenciosamente,

\_\_\_\_\_  
Aluno (a) do Curso de Psicopedagogia\_\_\_\_\_  
Professor (a) Orientador (a) - Matrícula SIAPE \_\_\_\_\_**ANEXO B – Folha de aprovação**

THATIANA HERMÍNIO DE MORAIS

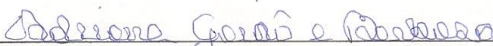
**PERCEPÇÃO DE PEDAGOGOS EM FORMAÇÃO ACERCA DO PROCESSO DE  
INCLUSÃO DO INFANTE AUTISTA NA ESCOLA REGULAR**

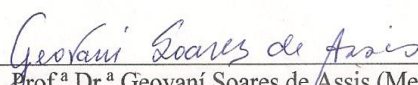
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado de Psicopedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adriana de Andrade Gaião e Barbosa

Aprovado em: 15/08/2014.

BANCA EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adriana de Andrade Gaião e Barbosa (Orientadora)  
Universidade Federal da Paraíba

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Geovani Soares de Assis (Membro)  
Universidade Federal da Paraíba